

LUMINÁRIAS BRASILEIRAS:

A CONTRIBUIÇÃO DO USO DO ARTESANATO PARA O DESIGN BRASILEIRO DE ILUMINAÇÃO.

AUTORA ANNA CAROLINA CARVALHO DE CASTRO.¹

RESUMO

O artigo a seguir aborda uma análise sobre a utilização de matérias primas regionais e técnicas construtivas artesanais ou semi artesanais na fabricação de luminárias brasileiras. Discorre sobre o artesanato brasileiro (citando alguns exemplos de luminárias desenvolvidas em distintas regiões do Brasil, com as suas respectivas características), sobre o mercado de iluminação referente a este tipo de produto, e apresenta fatos levantados em entrevistas com designers ou empresas que trabalham ou trabalharam com o desenvolvimento de luminárias artesanais. Tendo como objetivo uma investigação sobre os diferentes aspectos e tipos de contribuições (culturais, sociais, financeiro, tecnológico e ecológico) que o desenvolvimento de uma luminária elaborada a partir do uso do artesanato brasileiro pode atribuir ao Design Brasileiro de Iluminação.

Palavras-Chave: Luminárias. Artesanato. Matéria prima. Conceito. Técnicas. Iluminação. Design.

ABSTRACT

The following paper analyzes the use of regional raw materials and handmade construction techniques in Brazilian luminaires manufacturing. It explains the Brazilian luminaires market, quoting some characteristics of this product from different regions of the country. Besides, some information taken by interviewing designers and companies are also presented. This paper intends to investigate the social, cultural, financial, technological and ecological contributions of handmade luminaires on Brazilian light design.

Keywords: Luminaires. Handicraft. Raw materials. Concept. Techniques. Lighting. Design.

¹ Aluna do Curso de Light Design do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; Arquiteta e Urbanista. carolidecastro@hotmail.com

1 PROBLEMA

A cultura brasileira é rica em diversos aspectos, seja na culinária, nos costumes, hábitos, danças, música, artesanato etc. Esta bagagem cultural pode se refletir na elaboração de diversas peças presentes no dia-a-dia, desde um simples tapete, até uma luminária pendente em uma sala sofisticada, compondo assim, objetos de design brasileiro.

O artesanato brasileiro está ganhando espaço e sendo divulgado em feiras e exposições por todo o país e mundo, como a *Brasil faz Design*, que desde 1995 organiza exposições e concursos de design e lançamento de produtos em diversas cidades do mundo (como Milão, Bremen, Saint-Etienne, Porto, Buenos Aires, Amsterdã, Gotemburgo, Oslo, Tóquio, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Curitiba) e a *House&Gift Fair*, que acontece anualmente no Brasil, e é considerada pela Associação Brasileira de Designers de Interiores – ABD, a maior feira de artigos para a casa, decoração e design da América Latina, e uma das mais importantes do mundo.

Os próprios designers estão buscando constantemente por matérias primas novas, como por exemplo, André Bastos e Guilherme Ribeiro, do Estúdio Nada se Leva (que utilizaram miçangas para desenvolver algumas luminárias de uma coleção - Coleção Yawanawá) e Christian Ullman, da Oficina Nômade (que utilizou sementes da palmeira Jarina para a concepção de uma luminária). Ambos utilizaram estes materiais não só pela questão visual e estética, mas também pela sua utilidade, funcionalidade, consciência ecológica, social e cultural. Com isto, estas peças elaboradas a partir destas matérias primas ganham seu espaço no mercado de iluminação, através de empresas que comercializam não só luminárias pertencentes a uma linha de produção, como também peças de abordagem exclusivas, como nas empresas La Lampe, Dominici entre outras.

Já o mercado de iluminação brasileiro cresce cada vez mais, destacando-se como mostra o texto:

Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Iluminação, a Abilux, o Brasil possui, atualmente, 670 indústrias do setor de iluminação (luminárias, lâmpadas e reatores), que, em 2012, faturaram R\$ 3,8 bilhões. Destes, 61% equivalem à venda de luminárias; 28% à de lâmpadas e 11% à de reatores.

(JORNAL O FLUMINENSE, 25/08/2013).

E como as luminárias compõem mais da metade do faturamento do mercado de iluminação, percebe-se com isso, a sua importância para o mercado, o que é complementado por Claudia Cavallo, para a revista Lume Arquitetura:

A indústria brasileira de luminárias, assim como tantas outras no país, já evoluiu muito em relação ao que era antes do mundo globalizado. Melhoramos a qualidade das peças tanto em design quanto em eficiência, e o mercado consumidor para este tipo de produto também se mostra em plena expansão.

Porém, apesar do todo este potencial, há resistência de um mercado de alto giro para as luminárias que utilizam o artesanato em sua concepção. De acordo com a designer Adriana Fernandes, gerente de desenvolvimento de produtos na empresa La Lampe, que possui sede em São Paulo e comercializa seus produtos em 13 lojas distribuídas pelo Brasil, e que acompanhou o projeto da Coleção Yawanawá em 2013, luminárias com estas características de materiais, ou com um processo de fabricação artesanal, se mostram inviáveis para um mercado de alto giro. (informação verbal)² Sendo assim, é preciso buscar em quais outros aspectos estas peças artesanais podem trazer de relevância para a Iluminação, ou seja, para o Design e assim motivar as empresas a investir em projetos deste tipo.

Com isso, lança-se a pergunta: “Qual a contribuição do uso do artesanato para o Design Brasileiro de Iluminação?”.

2 JUSTIFICATIVA

2.1 ARTESANATO BRASILEIRO:

De acordo com a definição do dicionário Aurélio (2013), o artesanato nada mais é que um trabalho manual ou produção de um artesão utilizando técnicas manuais e ferramentas simples. Na maioria das vezes fazendo uso de matérias primas naturais ou por reutilização (no caso das reciclagens) e uma busca por um produto final elaborado a partir de algum tipo de conceito ou identidade cultural e/ou popular de um determinado local.

² FERNANDES, A. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <adriana.designerbr@gmail.com> em 07 dez. 2013.

Segundo a história do artesanato, desde os primórdios da humanidade existe este tipo de produção, iniciada através da pedra polida e tecelagem de fibras animais e vegetais. A partir do século XIX, o artesanato ganha espaços (oficinas) e criam-se as Corporações de Ofício (organizações que os mestres-artesãos de cada cidade ou região formavam a fim de defender seus interesses). Com a Revolução Industrial, alguns teóricos e artistas deste período criticaram a desvalorização do artesanato pela mecanização, pois consideravam que o artesão tinha uma maior liberdade, por possuir os meios de produção e pelo alto grau de satisfação e identificação com o produto. Neste contexto surge o grupo de Artes e Ofícios, se opondo a essa mecanização e com o objetivo de valorização do trabalho artesanal.

No Brasil, os índios podem ser considerados os primeiros artesãos brasileiros, através da pintura por pigmentos naturais, da cestaria de fibras naturais, da cerâmica, e da arte plumária (trabalhos em cocares, tangas e outras peças de vestuário ou ornamentos feitos com plumas de aves). De acordo com o site do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, atualmente o artesanato brasileiro é considerado um dos mais ricos do mundo e garante o sustento de muitas famílias e comunidades. É um tipo de artesanato que faz parte do folclore e revelam usos, costumes, tradições, e carrega as características de cada região, como afirma o site do Centro de Referência do Artesanato Brasileiro - CRAB. Para eles, o artesanato é uma forma de expressão, ou seja, ser artesão significa imprimir, muitas vezes a produtos comuns, sua marca pessoal, transformando-os em peças excepcionais. E concluem: “É a difícil arte de captar as características de um lugar, um povo”.

2.2 LUMINÁRIAS ARTESANAIS BRASILEIRAS:

A fim de complementar a análise deste artigo, foram pesquisadas algumas luminárias artesanais brasileiras com o objetivo de entender e conhecer melhor os processos de desenvolvimento deste tipo de peça. Para isso, foram feitas pesquisas em livros e catálogos de Design Brasileiro, sites de feiras e exposições de Design e entrevistas com alguns designers que utilizaram o artesanato para a elaboração de suas luminárias.

A princípio, e como critério de conhecer a variedade do artesanato brasileiro na elaboração de luminárias, foram pesquisadas peças por região brasileira (Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Sul). Porém, em alguns casos, foi possível observar que nem todas as peças foram desenvolvidas de fato somente na região representada, ou por designers nativos da região, a maioria fez uso apenas da matéria prima desta determinada região ou das técnicas artesanais

locais. Nem sempre os projetos nasciam na região original do artesanato escolhido, era uma iniciativa/proposta de um designer de outra região.

Então, para auxiliar na compreensão de como ocorre este processo de concepção da peça, foram feitas entrevistas por meio digital com alguns designers que desenvolveram luminárias artesanais brasileiras. Sendo possível também compreender os tipos de contribuições (culturais, sociais, financeira, tecnológica e ecológica) que este processo poderia atribuir ao Design Brasileiro.

2.2.1 Luminária Flores

Desenvolvida pela designer Karin Wittmann, a Luminária Flores (figura 1) é uma luminária do tipo pendente, que utiliza palha de trigo como matéria prima principal. Recebeu o 12º Prêmio House&Gift de Design, na categoria Iluminação de Teto. E faz parte do catálogo da Associação de Artesanato Tranças da Terra, que é um projeto que envolve mais de 50 pessoas do Meio Oeste de Santa Catarina, o qual segundo a diretora executiva e comercial do projeto, Tereza Kummer, de forma associativa e em rede desenvolve um trabalho artesanal a partir da palha de trigo respeitando as raízes culturais da região, levando em conta a sustentabilidade social, econômica, ecológica, territorial, cultural e os princípios do comércio justo. E complementa a importância do uso deste artesanato com palha de trigo para a região, no texto:

A região do meio-oeste catarinense foi considerada a "Capital do Trigo" na década de 50. A região montanhosa com baixas temperaturas era ideal para o plantio do cereal e fora colonizada por imigrantes italianos e alemães. O artesanato feito em palha de trigo era uma tradição responsável pela produção de chapéus e 'sportas' (palavra italiana que significa sacolas), usados principalmente nas plantações e nas idas à cidade para compras. Com a mudança da fronteira agrícola para o Paraná e a mecanização da agricultura, ocorridas no final dos anos 60, a cultura do trigo na região foi praticamente desativada e o artesanato em palha de trigo se restringiu a poucas comunidades de agricultores, que prosseguiram cultivando o cereal nos moldes tradicionais, sem uso de máquinas.



Figura 1 – Luminária Flores.
Fonte: Gazeta do Povo, 2011.

2.2.2 Luminária Pendente de Renda

Desenvolvida pela designer Bárbara Fuhrmann, a Luminária Pendente de Renda (figura 2), foi projetada em duas cúpulas, sendo a interna em cetim, com difusor em acrílico leitoso, e a externa em renda como matéria prima principal.

Apesar da designer ser natural da região Sul do Brasil, escolheu uma matéria prima oriunda do Nordeste brasileiro para a concepção da peça, a renda. Segundo Santana (2011, p. 1) “as primeiras rendeiras surgiram na região nordeste do Brasil”, e até os dias atuais a renda é considerada um material de forte influência para a economia regional, como explicado por Costa (2013, p.1):

O município pernambucano Poção, na região do Agreste, é o maior produtor de renda de renascença do Brasil (...) segundo dados do SEBRAE, é de Poção que saem mais de 90% das peças de renda de renascença vendidas em diversas cidades brasileiras e exportadas para sete países da América, Europa e Ásia (...).



Figura 2 – Luminária Pendente de Renda.
Fonte: Luz e Design, 2011.

2.2.3 Luminária Euca

Desenvolvida pelo designer Francisco Lobo, em 1999, a Luminária Euca (figura 3) possui como matérias prima principais: Fibras de carnaúba, sisal e buriti, fios de seda e nylon, e estrutura em aço oxidável.

Segundo Lay-Ang (2011, p. 1) a carnaúba é uma planta típica encontrada no Nordeste brasileiro, e a sua utilização como matéria prima, não prejudica o meio ambiente, pois as suas palhas (fibras) são retiradas sem prejudicar a planta e são secadas ao sol, ou seja, sem consumo de energia produzida de maneira poluente. E complementa: “[...] Na retirada da cera, o que resta se torna adubo. Além de importante para a natureza, essa planta é também imprescindível para a economia local”.

E a peça também faz parte do catálogo Brasil Faz Design do ano 2000.



Figura 3 – Luminária Euca.
Fonte: Otoni (1999 apud BRANDÃO et al, 2000).

2.2.4 Luminária Marajoara

Desenvolvida pela arquiteta Anna Carolina Castro, em 2013, a Luminária Marajoara (figura 4) é uma proposta conceitual de uma luminária tipo abajur. Os materiais utilizados para o protótipo foram polipropileno pintado na cor bronze, base em madeira, e estrutura em arame e barbante. O conceito da luminária foi baseado na Arte e Cerâmica Marajoara (figura 5), que segundo a Enciclopédia Itaú Cultural (2006) é considerada a arte cerâmica mais antiga do Brasil e umas das mais antigas das Américas. A qual foi inicialmente introduzida pelos índios, na ilha do Marajó, no estado do Pará, através de objetos em forma de urnas, vasos, estatuetas, amuletos, entre outros. Por isso, a luminária foi elaborada em formato oval, e na cor bronze

para se assemelhar aos vasos cerâmicos, e o desenho vazado utilizado na luminária, também faz uma alusão aos grafismos usados na cerâmica marajoara.



Figura 4 – Luminária Marajoara
Fonte: Castro, 2013.



Figura 5 – Objetos de Cerâmica Marajoara.
Fonte: Silva, 2009.

2.2.5 Luminárias da Coleção Yawanawá

As Luminárias da Coleção Yawanawá, são peças que foram criadas pelo arquiteto e designer Marcelo Rosenbaum com a tribo indígena Yawanawá e em parceria com os estúdios Nada se Leva (de André Bastos e Guilherme Leite Ribeiro) e Fetiche Design (de Carolina Armellini e Paulo Biacchi), em janeiro de 2013, na floresta amazônica do Acre. As luminárias (figuras 6, 7, 8) surgiram a partir do Projeto A Gente Transforma – AGT criada pelo próprio designer, que propõe uma troca de saber entre a tribo e os colaboradores, promovendo assim, o desenvolvimento local e a preservação da cultura Yawanawá.

Segundo Bastian (2013) as luminárias foram inspiradas nos mitos e nas cosmologias da tribo, utilizando as próprias técnicas artesanais dos Yawanawás e fazendo uso principalmente dos chamados kenês (grafismos geométricos que representam animais e elementos da natureza, e que para os índios da tribo significa “as transformações e conexões com o divino”).

As luminárias foram lançadas pela La Lampe no segundo semestre de 2013. E foram expostas no Salão do Móvel, em Milão, em abril do mesmo ano, na exposição Yawanawá – A força da floresta, dentro da mostra Brazil S/A, e durante o Design Weekend em São Paulo, em agosto de 2013.



Versões coloridas da Luminária Shunuã (floresta), tem como base uma rede de miçangas trançadas à mão.

Figura 6 – Luminária Shunuã (Coleção Yawanawá):
Fonte: Calazans, 2013.

A Runuanene foi criada com a intenção de representar um dos animais mais sagrados e de maior sabedoria, segundo os Yawanawá. Tecida com uma malha de miçangas de 2,20mx0,80m.

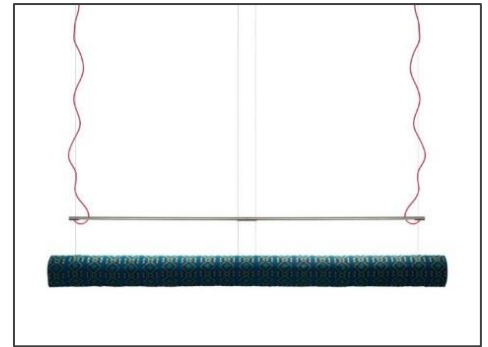


Figura 7 – Luminária Pendente Runuakene
Fonte: Calazans, 2013.



Figura 8 – Protótipo da Luminária Shuhu (Oca)
Fonte: Calazans, 2013.

Luminária Pendente Shuhu (Oca), resgata o trabalho das fibras naturais e faz referência às ocas indígenas.

2.2.6 Luminária Planete

A luminária Planete (figura 9), foi desenvolvida pela designer Baba Vacaro em parceria com a Aldeia do Futuro, no ano de 2003 em São Paulo, e faz parte da Coleção Luz Social, para a empresa Dominici. O conceito para a elaboração desta e das demais peças da coleção foi, segundo a designer, promover a aproximação do mercado consumidor do produto artesanal por meio do design e atuar como facilitador de negócios, visando à sustentabilidade da comunidade ou do pequeno produtor artesanal, através de grupos organizados em centros

urbanos, em que o foco principal era geração e emprego e renda. Como matérias prima, foram utilizados retalhos de tecidos nobres (doados à comunidade) e a técnica do amarradinho.

Todas as peças foram comercializadas por vários anos nas lojas Dominici e foram expostas na Holanda em uma exposição sobre design e sustentabilidade, em Milão no Brasil Faz Design, e aqui no Brasil na Design&Natureza.



Figura 9 - Luminária Planete.

Fonte: VACARO, 2013.

2.2.7 Luminária Jarina

Desenvolvida pelo designer Christian Ullman, da Oficina Nômade, em consultoria para a ONG Amigos da Terra para trabalhar com vários grupos de produção artesanal da cidade de Xapuri no Acre (entre os anos 2004 e 2006), a Luminária Jarina (figura 10), utiliza sementes da palmeira amazônica Jarina. Segundo Ullman, o conceito para a elaboração da peça foi utilizar a mesma técnica que as artesãs locais utilizam com estas sementes para a produção de biojóias, e através da translucidez das laminas das sementes, criar uma luminária com esta característica. (informação verbal)³

A luminária participou do projeto Novos Materiais, Componentes e Processos do Centro São Paulo Design, em 2004.

³ ULLMAN, Christian. **Questionário de Projeto**. São Paulo, 2013. Entrevista concedida a Carolina Castro, em 14 out. 2013.

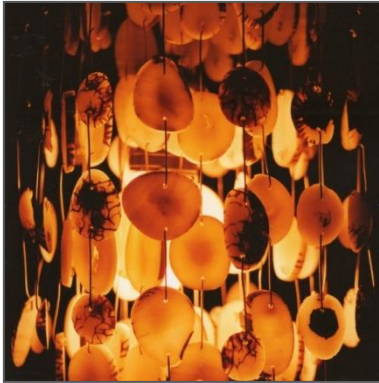


Figura 10 - Luminária Jarina.

Fonte: ULLMAN, 2013.

2.3 MERCADO PARA AS LUMINÁRIAS ARTESANAIS:

O Brasil, como já citado anteriormente, possui uma grande diversidade de cultura e matéria prima, e com isso, alguns designers utilizam desta diversidade para o desenvolvimento de suas peças, como no caso das luminárias acima citadas. Carregando além da funcionalidade de iluminar, uma identidade não só específica de uma determinada região do país como da cultura brasileira como um todo.

A comercialização destes produtos por sua vez, é diferente de uma linha de produção por exemplo. Uma vez que estas peças são produzidas através de trabalhos manuais e artesanais, e/ou com materiais encontrados somente em locais de uma determinada região ou comunidade. A comercialização em grande escala se torna por vezes inviável, e na maioria dos casos em quantidades reduzidas. Segundo Adriana Fernandes, que acompanhou a comercialização das luminárias da Coleção Yawanawá, os produtos foram divulgados e comercializados com a abordagem da exclusividade e em números reduzidos de peças. Afirmando:

Como foi um trabalho desenvolvido juntamente com uma tribo indígena, a fabricação não poderia interferir na rotina da aldeia. Os índios têm suas obrigações e rituais, precisam caçar, têm seus afazeres. O objetivo do projeto não era transformar a aldeia em uma "mini fábrica", ou interferir na cultura da tribo. Por isso, os pedidos não podiam ser de grandes volumes e tinham um prazo de entrega longo, já que eles encaixaram a produção das luminárias em sua rotina. (informação verbal).⁴

⁴ op. cit.

Outro ponto seria a dificuldade de transporte destes produtos, no caso das luminárias da Coleção acima citada, Adriana também afirma que houveram dificuldades devido à localização da aldeia (Acre). E que, para acessar o local a viagem incluía avião, ônibus e 15h de canoa. Logo, transportar grandes quantidades de objetos ou matérias primas ficaria perigoso e conseqüentemente inviável. Por isso, os custos das peças elaboradas dessa forma acabam se tornando elevado, comparado com as peças de linha de produção.

Apesar destas dificuldades, a comercialização destes produtos apresentam fortes pontos positivos. Como já dito, existe uma busca dos designers em desenvolver produtos diferentes e criativos a partir de novas tecnologias e matérias primas, os próprios exemplos das luminárias acima citadas mostram isto, todas as peças foram desenvolvidas a partir de uma matéria prima natural, ou utilizando técnicas de produção artesanal, acrescentando a elas uma característica única e diferenciada que dificilmente são encontradas nas peças de produção industrial.

Outro ponto relevante é o retorno que estas peças exercem sobre a comunidade ou artesãos colaboradores no projeto. Segundo Baba Vacaro, designer das luminárias da Coleção Luz Social (também acima citadas), o conceito ao desenvolver as peças era: “promover a aproximação do mercado consumidor do produto artesanal por meio do design e atuar como facilitador de negócios, visando à sustentabilidade da comunidade ou do pequeno produtor artesanal.” (informação verbal)⁵ No projeto da Coleção Yawanawá, Fernandes também afirma esta ideia: “[...] é imprescindível, para que o projeto tenha o sucesso no sentido de colaborar com a comunidade, e que cada fase seja bem pensada e planejada, garantindo a satisfação do mercado e o retorno à aldeia”. (informação verbal)⁶

Há também o apoio e comercialização destes produtos em grandes empresas de iluminação, como a La Lampe (que integram iluminação com arquitetura através da criação de peças diferenciadas de design), Bertolucci (que investe no design 100% nacional e em produção semi-artesanal de suas peças), e Dominici, entre outras. Ambas incentivam o desenvolvimento de luminárias com um design diferenciado, ou que façam uso de técnicas ou materiais artesanais.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas entrevistas qualitativas realizadas via e-mail com designers brasileiros que desenvolveram projetos de luminárias artesanais, bem como pesquisas sobre o artesanato,

⁵ VACARO, Baba. **Questionário de Projeto**. São Paulo, 2013. Entrevista concedida a Carolina Castro, em 14 out. 2013.

⁶ op. cit.

técnicas artesanais e mercado brasileiro de iluminação, e em especial das luminárias, é possível concluir que existem diferentes contribuições que o desenvolvimento de uma luminária artesanal exerce para o Design de Iluminação. Estas contribuições podem ser culturais, sociais, financeira, tecnológica e ecológica, salvaguardo que nem sempre uma luminária apresenta todas estas contribuições, ou seja, as contribuições que existem podem ser avaliada em diferentes níveis e se manifestam de formas diferentes em cada projeto.

2.4.1 Culturalmente

Contribui para a valorização da cultura brasileira através da iluminação, pois utiliza matérias primas e técnicas oriundas desta cultura, contribui também para a elaboração de peças fora do cotidiano original, como por exemplo, as Luminárias Yawanawá, onde as técnicas e materiais utilizados pelos índios a principio eram para a elaboração apenas de peças de seu convívio, e com a iniciativa do projeto, estas técnicas e materiais passaram a serem utilizados na elaboração de uma luminária (um objeto até então era desconhecido pela tribo e é de uso comum para boa parte da sociedade brasileira).

Com a peça pronta e lançada no mercado, ocorre a divulgação desta cultura através das exposições às quais participam (como a Brasil Faz Design, Design Weekend, entre outras acima já citadas) e pela comercialização dos produtos em lojas conhecidas no mercado, passando a ter assim uma boa visibilidade, onde o que está sendo visto não é só a peça (luminária), mas todos os componentes que a constitui (materiais, técnicas, conceito, etc.).

A elaboração destas luminárias representa também uma mistura da cultura brasileira em forma de objeto de design, pois carrega parte da cultura através do artesanato, informação esta, confirmada pelo designer André Bastos, quando questionado sobre as contribuições culturais que o projeto o qual participou (Coleção Yawanawá) exerceu sobre o Design de Iluminação: “a identidade do povo brasileiro está profundamente ligada à cultura indígena, levar parte desta cultura através do artesanato nas luminárias é missão primeira deste projeto”. (informação verbal)⁷

2.4.2 Socialmente

A contribuição social ocorre porque a maioria peças apresentadas foram desenvolvidas pelos designers juntamente com os artesãos locais, e isto agregou incentivo a todos os participantes

⁷ BASTOS, André. **Questionário de Projeto**. São Paulo, 2013. Entrevista concedida a Carolina Castro, em 22 out. 2013.

do processo, bem como uma troca de conhecimento entre ambos. E Bastos (2013) em entrevista também afirmou como ocorreu esta troca de conhecimentos:

A partir da experiência vivida com os índios Yawanawá, na aldeia Nova Esperança, na floresta amazônica, durante 21 dias em janeiro de 2013, foram desenvolvidas luminárias que utilizasse o artesanato de miçangas que representam a mitologia indígena brasileira desta região. (informação verbal)⁸

Ou seja, os índios com seus materiais e técnicas artesanais, juntamente com os designers e seu conceito e conhecimentos técnicos sobre iluminação, resultaram nesta troca de saberes, a qual é de suma importância para o resultado final de projeto deste tipo, pois carrega a mistura das diferentes culturas brasileiras também na peça desenvolvida.

2.4.3 Tecnicamente

Há uma relação do tipo de contribuição tecnológica com as contribuições sociais, pois a troca dos saberes, citada anteriormente, viabiliza o surgimento de uma tendência nova de luminárias. Uma vez que, mostrou-se que há e que houve, nos projetos acima pesquisados, por exemplo, uma busca dos designers por novas técnicas de extração e de manuseio das matérias primas, bem como a criação de uma nova tendência de luminárias.

2.4.4 Financeiramente

Percebe-se que um lucro significativo para o mercado de iluminação não é a principal contribuição financeira que este tipo de produto exerce. Não foi citado em nenhuma das entrevistas que como prioridade fosse um grande resultado mensurável mercadologicamente (como aumento nas vendas ou algo assim). Uma vez que todos os processos, materiais e técnicas utilizadas, como já ditas anteriormente, geralmente envolvem o produto num mercado de menor giro. Logo, a contribuição financeira que existe declarada inclusive por todos os designers entrevistados, é de que a renda da venda das luminárias complementa o ganho das famílias artesãs envolvidas no processo. Claro que há um lucro para as empresas envolvidas, mas o retorno é voltado principalmente para os artesãos ou comunidades participantes.

⁸ Id.

O que é complementado por Vacaro (2013), que afirmou também em entrevista concedida, que a contribuição que houve no projeto que desenvolveu foi:

“[...] uma associação de forças, uma parceria em que o designer atua como elo, e o suporte industrial/comercial da empresa dá ao artesão maior possibilidade de geração de renda (principal foco dos grupos selecionados) promovendo o desenvolvimento e a sustentabilidade de cada um desses grupos artesanais participantes.” (informação verbal)ⁱ

2.4.5 Ecologicamente

Por fim, e não menos importante, há uma contribuição ecológica no desenvolvimento destas peças, já que na maioria dos casos utiliza materiais de origem natural/vegetal ou materiais reaproveitados e que a princípio seriam descartados na natureza, ou seja, há uma consciência ambiental tanto para a redução do lixo como para a utilização de materiais, os quais se forem descartados, não serão prejudiciais ao meio ambiente. As técnicas manuais também influem nesta conscientização, como as maiorias dos processos de produções artesanais ocorrem sem muita utilização de máquinas e de energia elétrica, trata-se de uma conscientização energética a qual influi diretamente no meio ambiente como um todo, pois contribui também para a preservação do meio ambiente, uma vez que a utilização de energia elétrica ou o desperdício dela causam impactos ambientais diversos, e muitas vezes irreversíveis, tais como a destruição de habitats e alterações em populações e comunidades naturais.

ⁱ op. cit.

REFERÊNCIAS

ABD, Associação brasileira de designers de interiores. Disponível em: <<http://abd.org.br/abd/>>. Acesso em: 26 out. 2013. 15:04

ABILUX. Iluminação: Centro-Oeste registrou o melhor desempenho em vendas em janeiro. 21 fev. 2013. Disponível em: <http://www.abilux.com.br/informes/021_Informa.html>. Acesso em: 24 mai. 2013. 22:10.

BAHIA, Governo do Estado da. Produção de fábrica baiana de iluminação. **Economia Nordeste Brasil**. Disponível em: <<http://economianordeste.opovo.com.br/estados/bahia/setores/industria/2012/03/105,3768768/producao-de-fabrica-baiana-de-iluminacao-pode-crescer-35.html>> . Acesso em: 23 maio 2013. 11:06.

BASTIAN, Winnie. As luminárias da coleção Yawanawá. **Casa Vogue**, 02 abr. 2013. Disponível em: <<http://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2013/04/colecao-yawanawa-de-marcelo-rosenbaum.html>>. Acesso em: 26 mai. 2013. 20:45.

BERTOLUCCI. Disponível em: <<http://www.bertolucci.com.br/>>. Acesso em: 14 set. 2013. 19:15h.

BILL, Bruna. House&Gift Fair mostrou novidades para toda a casa. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/viverbem/casaedecoracao/conteudo.phtml?id=1176622&tit=House--Gift-Fair-mostrou-novidades-para-toda-a-casa>>. Acesso em: 21 maio 2013, 16:20.

BRANDÃO, M et al. Brasil Faz Design: Design e madeiras do Brasil. São Paulo: BFD, 2000.

CALAZANS, Thiago. Designers e índios do Acre criam luminárias baseadas na cultura Yawanawá. **UOL Mulher**, 2013. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/casa-e-decoracao/album/2013/04/11/designers-e-indios-do-acre-criam-luminarias-baseadas-na-cultura-yawanawa.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2013 20:50.

CASTRO, Anna Carolina. **Luminária Marajoara**. 2013. 13 f. Trabalho Acadêmico da disciplina Automação, Tecnologia LED e Luminárias Especiais. (Pós Graduação em Light Design) – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, 2013.

CAVALLO, Cláudia. Design de Luminárias. **LUME ARQUITETURA**. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/design%20de%20lumin%20E1rias/desing_d_e_luminarias.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2013. 18:25.

COSTA, Carlos. Poção, a cidade e suas rendas. **Diário de Pernambuco**. 26 mai. 2013 Disponível em: <http://www.old.pernambuco.com/diario/2001/02/05/empregos1_0.html>. Acesso em: 26 mai. 2013. 03:20.

CRAB, **Centro de Referência do Artesanato Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.centrodoartesanato.com.br/>>. Acesso em: 04 mai. 2013. 14:30.

CULTURAL, Enciclopédia itaú. **Arte Marajoara/Cerâmica Marajoara**. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=5353>. Acesso em: 02 nov. 2013 18:45

DESIGN, Brasil faz. Disponível em: <<http://www.brasilfazdesign.com.br/>>. Acesso em: 26 out. 2013. 14:20

FUHRMANN, Bárbara. **Luminária do dia: Pendente em Renda**. 27 dez 2011. Disponível em: <<http://luzedesign.blogspot.com.br/2011/12/luminaria-do-dia-pendente-em-renda.html>>. Acesso em: 25 maio 2013. 22:40.

GNACCARINI, I et al. **Brasil Faz Design**. 5ª ed. São Paulo: BFD, 2002.

IPOG. **Mercado aquecido para profissionais na área de iluminação**. Disponível em: <<http://www.ipog.edu.br/nao-aluno/noticias/novidades/mercado-aquecido-para-profissionais-na-area-de-iluminacao>>. Acesso em: 02 nov. 19:40.

KUMMER, Tereza Borela Bittencourt. **Projeto Tranças da Terra resgata a tradição e gera renda na região Meio Oeste de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.trancasdaterra.com.br/institucional.php>>. Acesso em: 25 mai. 2013, 13:55.

LA LAMPE. disponível em: <<http://www.lalampe.com.br/>>. Acesso em: 14 set. 2013. 19:05h.

LAY-ANG, Giorgia. Carnaúba. **Brasil Escola**, 2011. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biologia/carnauba.htm>>. Acesso em: 25 mai. 2013. 00:30.

ROCHA, Marina. Setor de Iluminação tem bom faturamento. **JornalO Fluminense**. 25 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/oportunidades/setor-de-iluminacao-tem-bom-faturamento>>. Acesso em: 27 out. 2013. 16:30

SANTANA, Ana Lucia. História da Renda. **Info Escolas**, 2011. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/curiosidades/historia-da-renda/>>. Acesso em: 26 mai. 2013. 03:30.

SEBRAE, Artesanato. **História do Artesanato no Brasil**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato/sobre-artesanato/identidade-cultural/1312-miscigenacao/BIA_1312>. Acesso em: 02 nov. 2013. 18:20.